

FATORES ASSOCIADOS À AUTOPERCEÇÃO NEGATIVA DA SAÚDE ENTRE BENEFICIÁRIOS E IMPACTO SOBRE OS CUSTOS DE UMA OPERADORA DE AUTOGESTÃO NO BRASIL

Reis Neto, J P e Busch, J M

CAPESESP-Caixa de Previdência e Assistência dos Servidores da Fundação Nacional de Saúde, Brasil

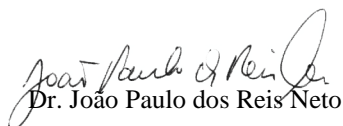
OBJETIVOS: Existem fortes evidências de que a saúde percebida seja um excelente preditor da saúde objetiva, portanto, do número de doenças crônicas, grau de incapacidade funcional e depressão. Indivíduos que consideram sua saúde como ruim apresentam um risco aumentado de hospitalização, institucionalização e de mortalidade, comparando-se com aqueles que referem ter uma saúde excelente. O objetivo desse estudo foi investigar a influência de fatores demográficos e socioeconômicos, das doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) e da capacidade funcional sobre a autopercepção de saúde, e verificar a associação dos achados com a utilização e custos do plano de saúde.

MÉTODOS: Trata-se de um estudo epidemiológico observacional de caráter transversal em uma amostra de 2.188 indivíduos de um total de 97.983 beneficiários do plano de saúde, onde foi avaliada como variável dependente a autopercepção de saúde. Neste trabalho, a mesma foi dicotomizada em autopercepção boa ou ruim de saúde. A combinação das categorias muito boa e boa, indicou uma autopercepção positiva de saúde, e a combinação das categorias regular, ruim e muito ruim indicou uma autopercepção negativa de saúde. As variáveis independentes foram classificadas em demográficas (idade, sexo, estado civil), socioeconômicas (escolaridade e renda), a presença ou não de doenças crônicas e quantificação (hipertensão, diabetes, asma, bronquite ou enfisema, acidente vascular cerebral e dor crônica) assim como ,as frequências de utilização dos serviços (consultas, exames, terapias, internações) e os custos decorrentes. Para estimar a associação entre a autopercepção de saúde e cada variável e, estudar os diferenciais entre elas, foi realizada uma análise de regressão logística binária múltipla. As variáveis foram incorporadas uma a uma de forma sequencial no modelo. Os resultados foram apresentados como razão de chances (odds ratio, OR) e razões de prevalências (RP), tendo como referência intervalos de confiança de 95% (IC 95%). Para estatística analítica, utilizamos o software OpenEpi versão 3.01, testes Qui-quadrado (Mantel-Haenszel e Exato de Fisher), quando $p < 0,05$.

RESULTADOS: Observamos que a chance de auto avaliar a saúde como negativa foi 210,4% maior para idosos que não idosos, 11,8% maior entre os homens do que para as mulheres, 47,9% a mais em pessoas com estado civil diferente de casado ou em união estável, 87,8% maior em famílias de baixa renda, 59,2% superior em indivíduos de menor escolaridade. A chance de auto avaliar a saúde como negativa foi 3,9 vezes maior em portadores de pelo menos uma DCNT e 4,8 vezes maior se portador de mais de uma patologia. O acidente vascular cerebral (AVC) quando presente, foi o fator que mais influenciou a chance de uma percepção negativa da saúde (4,3 vezes), seguido dos portadores de dor crônica (3,6 vezes), diabetes mellitus (3,3 vezes), hipertensão arterial (2,6 vezes) e a doença pulmonar obstrutiva crônica (DPOC, 1,8 vezes). As taxas anuais de utilização do plano em beneficiários com percepção negativa da saúde foram superiores às dos indivíduos que avaliaram positivamente, para todos os procedimentos: consultas, exames, terapias e internações (38,5%, 44,5%, 38,1% e 134,6%, respectivamente) com gastos assistenciais anuais adicionais na proporção de 80,5% (R\$ 9.805,50 versus R\$ 5.432,34).

CONCLUSÕES: A autopercepção de saúde sofre influências multifatoriais tais como socioeconômicas, intelectuais e comorbidades associadas. Neste estudo, pode-se verificar que idosos, pessoas de baixa renda e menores níveis de escolaridade perceberam o estado de saúde de forma mais negativa enquanto as mulheres tiveram maior probabilidade de relatar uma autopercepção de saúde positiva em relação aos homens, da mesma forma que indivíduos casados ou em união estável. Dentre as doenças crônicas, possivelmente pelas sequelas decorrentes, os acidentes vasculares cerebrais foram os que mais prejudicaram a percepção de saúde dos beneficiários, seguido da dor crônica. A utilização do plano de saúde por beneficiários que referiram percepção negativa da saúde foi maior que aqueles cuja auto avaliação foi positiva, com repercussão significativa sobre as despesas assistenciais. Acreditamos que é responsabilidade do gestor desenvolver iniciativas e ações integradas que abordem, simultaneamente, os principais fatores determinantes da autopercepção de saúde, de forma a contribuir para a promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida dos associados de uma autogestão.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 2019.


Dr. João Paulo dos Reis Neto


Dr. Juliana Martinho Busch